

A PRÁTICA DA ENFERMAGEM FRENTE AO AUTISMO INFANTIL

Área de concentração em Enfermagem Assistencial

João Caio Silva Castro Ferreira¹; Adriana da Silva dos Reis².

¹ Universidade Federal do Piauí-Campus Senador Helvécio Nunes de Barros,
joaovscaiovscastro@outlook.com

² Universidade Federal do Ceará, drikluk@gmail.com

INTRODUÇÃO:

O autismo também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico, dificultando a cognição, a linguagem e a interação social da criança (PISÓN, et al., 2014)

Em 1943, Kanner descreveu esta síndrome com o mesmo sinal clínico de isolamento, a partir da observação de um grupo de criança com idades entre 2 anos e 4 meses a 11 anos. Entre as características clínicas predominantes destacam-se: extrema dificuldade para estabelecer vínculos com pessoas ou situações, ausência de linguagem ou incapacidade no uso significativo da linguagem, reação de horror a ruídos fortes e movimentos bruscos, repetição de atitudes, entre outros (BRASIL,2013).

No Brasil, de acordo com o Primeiro Encontro Brasileiro para pesquisa em Autismo, estimou-se uma prevalência de aproximadamente 5000 mil pessoas com autismo em âmbito nacional, baseando-se no Censo de 2000. Dentre os poucos estudos realizados, há um piloto realizado em 2011, em uma cidade brasileira, que apontou uma prevalência de aproximadamente 0,3% de pessoas com transtornos globais do desenvolvimento (BRASIL,2013).

Os pacientes diagnosticados com esta síndrome necessitam de um acompanhamento multiprofissional para auxiliar na sua qualidade de vida, reinserção social e desenvolvimento cognitivo, neste contexto, a Enfermagem destaca-se por prestar cuidados que englobam abordagens multidisciplinares em prol do bem-estar dos indivíduos, não obstante ao lhe dar com estes pacientes, percebe-se a necessidade de desenvolver técnicas que busquem cativá-los e auxiliá-los no seu tratamento, além disso, observa-se ser fundamental ações educativas e formação de grupos de apoio aos seus familiares, orientando-os sobre como seguir esse plano de cuidados que possibilita uma melhoria na qualidade de vida dessas crianças e de seus familiares.

Mediante este contexto, buscou-se as bases literárias para responder a seguinte indagação, qual é o papel desempenhado pelo profissional de enfermagem perante as crianças diagnosticadas com autismo?

MATERIAIS E MÉTODOS:

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada em abril de 2017. Para tal, foram utilizados artigos científicos disponibilizados por meio dos bancos de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde - LILACS, Banco de Dados em Enfermagem- BDEFN, com os seguintes descritores: Autismo, Enfermagem, Transtorno Autístico. Totalizando 8 publicações, que após a análise dos critérios de inclusão, a seguir: artigos que abordassem a temática do estudo e

dentro do período selecionado, apenas 6 artigos foram utilizados para a construção da pesquisa, ambos compreendendo o período de 2013 a 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O diagnóstico de autismo nas crianças costuma provocar um impacto negativo entre os pais, em que inicialmente tendem a negar a existência da doença e possuem dificuldade em cuidar de seus filhos devido o desconhecimento da instabilidade dos seus comportamentos rotineiros, não obstante devido a necessidade de atenção integral; após o diagnóstico, os pais alteram completamente suas rotinas para acompanharem seus filhos

A partir dos desafios impostos na vida de um autista, a sua reintrodução social exige, entre outras coisas, práticas que estimulem momentos de interação, que auxiliem no seu desempenho social e cognitivo. Pode-se sugerir técnicas como a musicoterapia, por promover uma maior comunicação entre as crianças e um estímulo a expressão da subjetividade.

Nesse contexto, observa-se resultados positivos no estudo de Rodrigues et al. (2017), onde ao aplicar a Teoria de Enfermagem do Autocuidado de Dorothea Orem, em uma criança autista, percebeu que o uso de recursos lúdicos para a aprendizagem potencializou, na criança, a autonomia, a criatividade, a coordenação motora, a concentração, a paciência e a habilidade de trabalhar em grupo, na medida em que se estabeleciam metas, as quais eram cumpridas com êxito. Constatando que o enfermeiro deve ser um profissional gabaritado de conhecimentos sobre como agir perante as crianças autistas, buscando sempre novas tecnologias que subsidiem sua prática interventiva e sempre buscar o suporte de uma equipe multiprofissional para garantir uma assistência integral. Além disso, os profissionais da enfermagem devem atentar-se a promover educação em saúde sobre o assunto entre os familiares, repassando-lhe mais informações com embasamento científico relacionadas a síndrome, assim como orientar a população sobre sinais que indiquem o autismo, inclusive informando-os como ocorre o acompanhamento dessas crianças.

Todavia a literatura afirma existir uma escassez de profissionais capacitados para diagnosticar a síndrome, algumas vezes por desconhecerem a sua complexidade, a criança acaba sendo diagnosticada erroneamente e/ou tardiamente. De acordo com Pinto et al. (2016), alguns dos aspectos que retardam o diagnóstico imediato do autismo. remete-se, possivelmente, a inexistência de exames específicos para a síndrome, sendo ele baseado na avaliação clínica e no histórico da criança. Somado a esta questão, pontua-se a variabilidade dos sintomas e ausência de treinamentos específicos de profissionais para lidar com o distúrbio.

CONCLUSÕES:

A literatura científica possui poucas publicações sobre o assunto, assim sugere a realização pesquisas nesta área e o maior estímulo para a capacitação dos profissionais de saúde em relação a assistência prestada a estas crianças, contudo práticas integrativas devem ser mais aproveitadas e exploradas, observa-se que a família precisa de um suporte de informações dos profissionais de saúde a respeito sobre o autismo.

Ressalta-se a importância de se explorar o papel da Enfermagem no acompanhamento das crianças autistas, elucidando-se a sistematização de assistência da enfermagem como um arcabouço de ações que respaldaram pelas necessidades apresentadas pelos pacientes, concedendo-lhes estratégias que auxiliaram no tratamento.

Palavras-Chave: Autismo. Enfermagem. Saúde Mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. BRASIL.Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde, departamento de ações

- programáticas estratégicas. **Coordenação geral de documentação e informação**. 2013. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_85.pdf>. Acesso em: 10 de abril.2017.
2. ELBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E.F. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. **Rev. Gaúcha Enferm.** v.36, n.1, p.49-55, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36n1/pt_1983-1447-rgenf-36-01-00049.pdf> Acesso em: 11 de abril.2017.
 3. FRANZOI, M.A.H.; SANTOS, J.L.G.; BACKES, V.M.S.; RAMOS, F.R.S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto contexto - enferm.** v.25, n.1, p.1-8, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000100701> Acesso em: 11 de Abril.2017.
 4. PINTO, R.N.M.; TORQUATO, I.M.B.; COLLET, N.; REICHERT, A.P.S.; SOUZA NETO, V.L.; SARAIVA, A.M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev. Gaúcha Enferm.** v.37, n.3, p.1-9, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000300413&lang=pt> Acesso em: 11 de abril.2017.
 5. PISÓN, L.J.; GARCÍA, J.M.C.; MONGE, G.L.; LAFUENTE, H.M.; PÉREZ, D.R.; GARCÍA A.O.A.; PEÑA, S.J.L. Our experience with the aetiological diagnosis of global developmental delay and intellectual disability: 2006-2010. **Neurologia.** v.29, n.7, p.402-407, 2014. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24332781> > Acesso em 11 de abril.2017.
 6. RODRIGUES, P.M.S.; ALBUQUERQUE, M.C.S.; BRÊDA, M.Z.; BITTENCOURT, I.G.S.; MELO, G.B.; LEITE, A.A. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das *social stories*. **Esc. Anna Nery.** v.21, n.1, p.1-9, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000100221&lang=pt> Acesso em: 11 de abril.2017.
 7. SENA, R.C.F.; REINALDE, E.M.; SILVA, G.W.S.; SOBREIRA, M.V.S. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **J.res.: fundam. care.** v.7, n.3, p.2707-2716, 2015. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3883/pdf_1608>. Acesso em: 11 de abril.2017.
 8. ZANATTA, E.A.; MENEGAZZO, E.; GUIMARÃES, A.N.; FERRAZ, L.MOTTA, M.G.C. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo. **RBE.** v.28, n.3, p.271-282, 2014. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451/8989> > Acesso: 11 de abril.2017